



UMA COMMODA DO SÉCULO XVI.

Os trastes caseiros dos seculos passados começaram a ser procurados a par do movimento que incutiu a litteratura moderna o romance extrahido dos factos e vida intima dos nossos maiores. A riqueza da mobilia, já pelo prego da materia, já pelo primor e minuciosidade do trabalho, não tem sido igualada pela pompa deslumbrante da arte moderna. São portanto cubigados por dois motivos; valor intrinseco, e amstrado gosto e habitos da sociedade antiga. Sobem muito de valia, ou não tem prego assignavel, alguns d'estes trastes que recordam memorias historicas. — N'este ultimo caso, reunindo em alto grau todas as de mais qualidades, está uma commoda ou papelleira que pertenceu a Maria de Medicis, e está figurada no desenho precedente. No anno proximo passado foi ella vendida em Paris junctamente com uma secretaria do rei popular Henrique IV, desafortunado esposo de Maria de Medicis. — São duas peças d'obra formosissimas no seu genero, construidas inteiramente de ébano com veios de filetes d'ouro; dois moveis de magnificencia verdadeiramente regia. Affirma Mr. Gozlan que ao mais habil artista dos nossos contemporaneos não bastariam dez annos de trabalho assiduo para concluir todos os marchetados e embutidos só da commoda, que é obra delicadissima e de perfeito lavor. Uma prancha inteiriça de ébano, com o mesmo ornato, cobre esta commoda que tem por timbre o escudo d'armas de França e Florença, rematados pela corôa da grã duqueza; o que provavelmente indica haver sido esta peça algum presente do grão duque Francisco II a sua filha, a rainha Maria.

Uma singularidade preciosa dá incalculável aprego

— Vol. I. — Outubro 30, 1847.

historico á secretaria. O escudo de Henrique IV foi arrancado de uma das almofadas, e substituido temerariamente pelas armas de Concini. Parece que este movel fôra dado pela rainha, depois da morte de Henrique, ao marechal d'Ancre, pois que depois de assassinado tambem o marechal, o seu espolio foi engrossar, como é sabido, a casa de Luynes. Exactamente proximo a pequena villa de Luynes, na Touraine, foi descoberto este thesouro archeologico.

A commoda e a secretaria são por tanto dois moveis inestimaveis para os amadores dos tempos antigos; provavelmente n'elles se recostaram a infeliz Henriqueta d'Inglaterra, Luiz XIII, e Gastão d'Orleans. Além d'isto reputam-se dois prodigios artisticos do seculo decimo sexto, visto que serviram a Maria de Medicis e seu marido logo no começo do seculo XVII. Mr. Gozlan, queixando-se de que monumentos assim portateis e de tal prego historico não sejam adquiridos pelo estado para ornamentar o museu de uma grande nação, dá-os contudo por muito bem empregados, visto que foram comprados por um litterato, o celebre romancista Mr. de Balzac.

No proximo numero daremos uma curiosa noticia de Maria de Medicis e das pessoas mais ligadas á sua historia.

A ROCHA DO DRAGÃO.

Lenda rhenana.

As sete montanhas que na margem direita do Rheno levantam para as nuvens os magestosos cumes, e

o castello de Roldão, outr'ora magnifico e forte, campeando sobre uma eminencia, dão logo na vista do viajante, que visita o formoso valle do Rheno, ao subir por este rio. Alli cessa como por encanto a uniformidade das planicies: e qualquer, á vista d'este espectáculo prestigioso, conhece que com justiça foi chamado o Rheno o pai das lendas. — O viajante, que transportado pelas verdes aguas do rio, se adianta para o norte atravez d'este paraizo, divisa ao longe montes picturescos com as assomadas verdejantes coroadas de ruínas de castellos antigos; sente se attrahido por uma irresistivel força para aquellas alturas; pelo menos apressa-se a ir ver o Drachensfels; é o nome que tem aquella aggregação colossal de rochedos na margem direita, que com suas cavernas escuras e a frente guarnecida de ruínas se alteia á beira do rio. A pequena e aprazivel cidade de Kænigswinter encosta-se á parte septentrional d'este monte, o qual com o lado do sul abriga contra o vento do norte a bonita aldeia de Rhændorf; os pampanos viçosos e grupos de arvores, picturescamente espalhados, embellezam a raiz e a parte meridional da montanha.

N'uma das cavernas que d'esta parte se mostram ao espectador existia n'uma era remota um dragão monstruoso; os habitantes do cantão o reverenciavam como divindade, e tinham, em razão d'elle, chamado ás rochas que lhe serviam de acolheita *Drachensfels*, rochedo do dragão. As tribus d'este districto eram crueis e selvagens; combates e saques eram seu unico passatempo. A esperanza de rico espolio os encaminhou certo dia para a margem esquerda do Rheno onde raptaram uma virgem christã. Dois caudilhos, dos mais poderosos d'aquellas hordas, sentiram se abrazados do fogo de amor brutal á vista da casta donzella, e a quizeram para mulher, mas nem o arrebatao Harwisck, nem o astuto Rinbold conseguiram mover-lhe o coração. Tal resistencia redobrou a violencia dos desejos; e rebentou entre os dois rivaes ciume terrivel: resolveram levar pela força o que por instancias não tinham podido alcançar: por tanto a discordia sacudiu seus fachos em meio d'aquellas tribus barbaras que divididas em dois campos inimigos tractaram de decidir a contenda á mão armada. Então os anciãos surgiram e clamaram: — «Que opprobrio para a nossa gente, se os mais nobres fizerem correr sangue por causa de uma rapariga, que nem sequer tem a honra de pertencer-nos! Os numes sem duvida escolheram esta victima para lhes ser offercida: obedecei á voz da divindade: immole-se a filha do estrangeiro, entregue-se ao dragão do Rheno.» — Os dois cabeças viram-se obrigados a ceder dos seus desejos pela vontade dos deuses, que os anciãos proclamavam.

No seguinte dia, ao romper d'alva, a virgem foi conduzida e agrilhoada a um penedo, por cima da gruta do dragão, para ser pasto do monstro. — A donzella, piamente resignada á vontade do Altissimo, com os olhos fitos no oriente, não exhalou um só queixume, o povo apinhado na chapada da montanha esperava impaciente a consumação do sacrificio. O dragão acordou aos primeiros raios do sol, desenrolou se fóra da caverna em longas roscas e preparou-se para se apossar da preza. Parecia chegado o momento fatal; já o dragão de olho flammejante e fauces inflamadas lá arremetter á victima, quando esta, tirando do seio um crucifixo, o appresentou ao monstro. A' vista do signal da redempção, que faz tremer os proprios espiritos malignos, o dragão se enroscou n'um feixe e precipitou-se por uma abertura da rocha no fundo do rio, onde desapareceu para sempre.

A turba pagã ficou tomada de assombro e admiração na presença do milagroso successo; custava-lhe

a crer no testemunho de seus olhos. Apenas aquelles tornavam a si do pasmo, quando viram no meio d'elles a donzella que Rinbold transportára nos braços robustos, tendo lhe despedaçado as cadeias. Logo se fez ouvir a voz da innocencia e abrandou aquelles peitos endurecidos; a tribu se converteu, e Rinbold, feito christão, foi o ditoso consorte da virgem.

Erigiu-se para o novo casal, no cume de Drachensfels, uma habitação que recebeu o nome de Drochenburg (castello do dragão). As ruínas que actualmente se descobrem no cimo da montanha pertencem, na verdade, a epocha mais recente; porém o viajante não deixa por isso de trepar ao rochedo, convidado pela vista enlevadora que d'aquella altura se desfructa; no primeiro plano mostra-se o ameno paiz que se estende ao sul; mais além das ilhas de Graffen e Nonnen-Werth, nas quaes se descortinam atravez da ramada dos arvoredos e dos tapumes florentes, as branqueadas muralhas, resto de um convento de religiosas; finalmente, na margem esquerda apparecem as ruínas do antigo castello de Roldão. Era elle habitado, ha muitos e muitos annos, por um cavalleiro chamado Rolando ou Roldão que gosava da amizade de todo aquelle districto. Viam-n'o muitas vezes no castello de Drachensfels; de dia para dia mais se amiudavam as suas visitas; a amavel Hildegunda, unica filha do conde d'aquelle titulo, era o objecto que o attrahia áquelle velho domicilio. Em breve se entenderam os corações d'aquellas jovens pessoas; e com viva alegria o pai de Hildegunda ouviu Roldão dar-lhe parte de seu amor e do desejo de ligar-se á sorte d'esta meina. Já estava aprazado o dia nupcial; eis que um amigo de Roldão implorou o seu auxilio no perigo instante em que se achava; o generoso cavalleiro não hesitou em obedecer á invocação do brio e da amizade. — Assomaram as lagrimas ás palpebras de Hildegunda, quando o seu querido se despediu prometendo voltar promptamente: não achava termos para explicar a amargura e terror occulto que lhe repassavam a alma: não pôde ter-se que não caísse de joelhos, lastimando se, e supplicando ao noivo que não partisse. Este a ergueu carinhosamente, sorriu-se de taes sustos, e deu o signal da saída. Hildegunda o chamou de novo para rogar-lhe com instancia que não arriscasse imprudentemente a vida nos combates, e que se poupasse pelo amor d'ella. — Roldão fez á sua adorada todos os promettimentos que lhe exigiu, e deixou-a com o coração não menos opprimido de carregados presentimentos. Era distante a arena das lides a que o chamava a honra: fez distincto o seu valor por brilhantes feitos d'armas, e parecia que o amor o protegia no meio dos maiores riscos. No entanto prolongaram-se as hostilidades; e não obstante o desejo intenso de tornar-se ás margens do Rheno, permaneceu Roldão fiel á palavra que a seu amigo dera. — Porém, assim que se restabeleceu a paz, sem esperar agradecimentos do soccorrido, e nem se quer passar pelo seu proprio castello, tomou o caminho de Drachensfels. Chegou, finalmente, ao pé d'este, já alta noite: um rumor abafado, o tinir d'armas, vozes de combatentes, subitamente lhe entraram pelos ouvidos; aperta com o seu ginete; e o que elle logo suspeitára era verdade. Um dos cavalleiros malvados, que n'essa epocha aviltavam a cavallaria, atacára de improviso Drachensfels; ainda nos pateos andava renhida a peleja; mas tudo indicava o proximo triumpho do bandoleiro. Roldão, veloz como o relampago, lança-se no meio da refrega, nenhum dos inimigos pôde resistir contra a sua valente espada. Em pouco tempo repelliu os assaltantes para fóra da cerca exterior, e o seu exemplo reanimou nos homens d'armas do castello a coragem e vigor, que estavam quasi a

abandona-los. O brado de guerra de Roldão foi repetido pelos ecos das montanhas e incutiou terror no peito dos inimigos. N'este momento se apresenta um cavalleiro entre os que ainda pelejam completamente envoltos nas trevas da noite; o recém-chegado derribado por um vigoroso talho d'espada, ia a cair por terra, quando um punhal lhe poz termo á vida. Os salteadores escaparam-se tumultuariamente, e os clamores da gente de Drachensfels retumbavam pelas fragas dos montes. Roldão perseguiu vivamente os fugitivos... mas que espectáculo o esperava á volta. Os homens d'armas de Drachensfels estavam abysmados em profundo e triste silencio e Hildegunda atrovava os ares com gemidos que lhe arrancava a dor pela morte de seu pai, de quem abraçava o ensanguentado cadaver. Roldão, esquecido de tudo o mais, precipitou-se para socorre-la; mas ficou passado de mortal assombro, quando á luz das tochas reconheceu pela armadura no cavalleiro incognito que derrubára o pai da sua noiva. Por um engano fatal o matára no tumulto da refrega. — Esou eu o seu assassino! (bradou no auge da exasperação). Meu Deus, perdoai-me! E na tua presença, Hildegunda, achará o meu delicto perdão?...

— «Foste tu o assassino de meu pai! — E ao findar esta exclamação, Hildegunda desmaiou totalmente. — Não era porém chegado o momento de arrebatá-la a morte tão formosa preza. Hildegunda, restituída á vida também o foi á dor pela perda do que mais prezava no mundo: copiosos prantos lhe manaram dos olhos, temperando os primeiros transportes da sua desesperação; intensa pena, porém muda, lhe tomou as potencias d'alma, e a resolveu a abandonar o seculo e seus prazeres, e até a mão do seu futuro esposo. — Roldão, ao saber da sua propria bocca tão funesta deliberação, poz em practica todos os meios para dissuadi-la de seu proposito; mas suas diligencias e supplicas não impediram que Hildegunda fosse buscar á sombra do claustro de Nonnewerth o socego da alma e a consolação unica que podia achar na terra.

— Lembrar-me-hei de ti em minhas orações (lhe disse Hildegunda); esquecer-me-hei porém de que me estavas destinado; na cella pacifica que me aguarda encontrarei o que não póde o mundo dar-me; implorarei Deus que te perdoe o crime involuntario, como eu propria te perdoo.»

Viu então o misero cavalleiro desvanecer-se quanta felicidade lhe promettia o futuro; os muros do claustro e uma cella acanhada, encerravam quem podia realçar-lhe a vida; depoz armas, largou instrumentos de caça; luctuosa tristeza cobriu o seu castello, d'antes theatro de alegria e divertimentos. Desde que a aurora desdobrava no oriente seu veu purpurino até que o crepusculo indicava a volta da noite, o viam assentado n'uma sacada d'onde a vista profundava no socegado asylo que a piedade abrira, na ilha de Nonnewerth, ás contemplativas donzellas que renunciaram o seculo para consagrarem-se a Deus: um rapido sentimento de prazer lhe vislumbra no semblante, quando alcançava entrever Hildegunda que apparecia entre as suas companheiras, como o lyrio descórado em meio das flores do jardim. — Assim decorreram mezes; e n'um dia o som funereo e compassado do sino do mosteiro veio bater em seus ouvidos; sombrio e occulto presentimento lhe revelou que aquella por amor de quem ainda tinha apêgo á existencia cessára de pertencer ao numero dos vivos. Novamente as lagrimas lhe humedeceram as palpebras, ha muito tempo enxutas pela amargura, quando viu depositar no seio da terra a que tanto amára. Desde esse momento, a sua vista constantemente se dirigia para o tumulo silencioso que a amizade das companheiras de Hil-

degunda cercára de ameno jardim, ornado das flores mais lindas. Finalmente, Deus teve compaixão do soffrimento do triste cavalleiro, e n'um dia o acharam inanimado, com o rosto voltado ainda para a parte d'aquelle tumulo.

Os castellos de Drachensfels e Rolandteck de ha muito que estão destruidos; só as ruinas attestam sua passada existencia. No cume de Rolandseck subsistem todavia os restos de um sobrearco da janella, todos forrados de heras, onde Rolando passou horas tão melancolicas, contemplando o tumulo da sua querida; porém a chronica e a poesia celebram sempre e transmittirão a remota posteridade os leaes amores de Rolando.

O DOBRAR DOS SINOS.

Considérée comme harmonie, la cloche a indubitablement une beauté de la première sorte: celle que les artistes appellent *le grand*.

CHATEAUBRIAND.

PEZADO, lugubre sino,
Em vaivem, qual o da sorte,
Desprendes sons, que recordam
Lembranças tristes da morte.

Ha n'esse dobrar singello,
Mil torrentes d'harmonia:
Sublimes notas, que ferem,
Q'excitam melancholia.

Essa funebre toada
Vibra n'alma do christão,
Como, o raio, quando estala;
Como os gritos d'afflicção.

O coração dos tyrannos
Vergas, como brando vime:
Ao peito d'esposa adultera
Pezar levas do seu crime.

Sóltas de mão homicida
Punhal, ébrio de vingança;
A'culpa dizes: — remorso!
Ao innocente; — esperança!

Passado e futuro a todos:
A todos a eternidade!
Tormentos, que não acabam;
Ou ethérea felicidade.

Quando, triste som começa
Brandamente compassado,
E veloz, segue troando:
E morto! E morto! E finado!

Como a'imitar quizesse
Lenta vida agonizante,
Q'em mortal, ultimo arranço
S'esvaíra delirante:

Se, mil corações diversos
O escutam: — n'esse momento,
Todos elles palpitarão,
Em accorde sentimento!

Som d'estranha melodia!
O teu pregão é fatal
Que são vaidades do mundo,
Quando vozáas: — mortal!

Mortal! — solemne epitaphio,
De nossa commun jazida:
Vigia, que nos despertas,
Do sonho falso da vida!

— Oh! n'esse dobre singello
Ha mixto de céu e inferno:
Um tal segredo, um mysterio...
Ha n'elle um poder ETERNO!

Em dia de Finados de 1846.

J. DA C. CASCAES.



O TIMBALEIRO.

O INSTRUMENTO conhecido na musica marcial pelo nome de *timbales* veio d'Allemanha.

Os primeiros que appareceram em Franca foi em 1457, no sequito da embaixada que Ladislaw, rei de Hungria, mandou a Carlos VII pedindo-lhe a mão de sua filha Magdalena. Este ruidoso instrumento, que convém não confundir com o *cymbalum* ou atabales, os quaes são de remotissima antiguidade, é mui commum entre os orientaes e até entre os negros de Africa, posto que grosseiro como elles.

Carlos VII, grande amigo de festas e folguedos, a ponto de por amor d'elles desprezar os cuidados da realza, devia vêr com muito gosto um instrumento novo, que, atroando os ouvidos, convidava ao mesmo tempo os olhos á contemplação da magnificencia de uma embaixada que havia de lisongear a sua vaidade. Quasi tudo o que é novo agrada, ainda que não

seja senão como estímulo de curiosidade; felizmente a d'este rei levava-o a amar a verdade, talvez tambem como objecto curioso e raro de encontrar nos paços dos monarchas. «Onde está ella, exclamava algumas vezes, a pobresita deve de ter morrido, e morrido sem confissão.»

Caído alguns dos timbales allemães em poder dos soldados no fim do XVII seculo, então foi permittido pelo rei de Franca usarem d'esses instrumentos os corpos militares que os haviam tomado ao inimigo. De futuro foram concedidos ás companhias de guarda real e aos regimentos de cavallaria. Tambem para estes se adoptaram em Hespanha e Portugal.

Conta-se que certo maniaco pela musica instrumental queria cercear a paga de um pobre timbaleiro, porque o via estar parado em quanto os seus companheiros desengonçavam os braços. Custou muito a despersuadi-lo de que o timbaleiro não era mandrião, e merecia o salario do seu trabalho, que não consistia em tocar muito, mas em tocar a proposito.

Quantos homens que teem mando sobre outros adquirem, caindo em taes parvoices, a fama de zelosos e activos. Mas deixemos ir o mundo: nada de moralisar sobre uns timbales, que são muito chocalheiros.

A estampa representa um timbaleiro fardado e montado á moda do seculo passado.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico).

V

O castello de Sancta Olaia.

Em quanto Gomes Lourenço ao lado de Maria Paes, refreando o fogoso corcel, se distrahe das idéas tristes, chegaram a Sancta Olaia D. Martin, e pouco depois o monge de Cister. O castello tinha a voz de elrei, e o alcaide D. Nuno, amigo e parente do rico-homem de Lanhoso, recebendo o, ouvia a historia do rapto commettido em Avellans pelo mais moço dos Viegas.

O castello de Sancta Olaia já então não era a sentinella de Coimbra, levantada no alto para annunciar as corridas dos arabes. Diante do braço victorioso de Affonso Henriques, os esquadrões do Islam recuando de Leiria até Santarém abrigaram-se, por fim, á sombra dos muros de Lisboa, aonde se pelejou a batalha em que perderam, com a sultana do Tejo, as ferreis varzeas da Estremadura.

Desde esse dia Coimbra despiu a couraça, e de guerreira tornou-se corteza. Já não carecia d'enganar o somno, recustada ao escudo; nem de afiar o ouvido, no silencio da noite, para da erguida atalaia tocar o rebate. Ao castello de Sancta Olaia, seu companheiro d'armas, foi igualmente livre, então, depôr a lança e respirar da lucta de meio seculo. Deixára de ser o gladiador prompto a aparar as primeiras frechas despedidas ao peito da rainha da Beira. As iras dos mouros, accessas no intento de, por cima do seu cadaver, baterem ás portas da Almedina, amortecidas com o tempo, e pelos acontecimentos da guerra, nem o podiam sequer ameaçar. Quebradas pelos revezes tinham-se trocado no desalento, que precede as derrotas.

O arabe, escravo do destino, curvando a fronte, submittia-se resignado. Depressa reconheceu que nunca mais, envolto no albornoz, dormirá á sombra dos pomares, acalentado pelo Mondego, que a briza empola. O sol do imperio de Tarik, apagando-se no oc-

caso, só um ou outro raio podia antes golpear mais puro; porque as trevas da agonia principiavam para elle. Descendo ao tumulo, ainda vivo, ouvia ranger a campa, em que a historia, gravando um nome illustre e uma grande lição, legava n'elles o exemplo e a herança do futuro.

Na terra consagrada, em que o rei soldado descansou de oitenta annos de fadigas, acabava de se erguer o reino portuguez. O leão do occidente, filho do oceano e da guerra, como Alexandre, estava fadado para devassar pela gloria á Europa os mares e as regiões além do mysterioso Indo. — A America, mundo balbuciente, e irmã mais nova do antigo, alli esperava desde seculos a hora em que o dedo de Deos, arrancando-a á solidão moral, a arremessasse ainda virgem pela estrada do progredir humano!

Os tempos, correndo sobre o castello de Sancta Oláia, crestaram as pedras. As raças conquistadoras, suicidando-se, estamparam lhe na fronte, cada uma a sua pagina; mas o odio civil, mais feroz, não se pejou de destruir o que ellas poupavam. Muito antes do conde Henrique vinganças de familia poderosas deslocaram as quadrellas, e demoliram as torres, que nem o temporal dos annos, nem as devastações dos barbaros tinham prostrado! O incendio acabou o resto; e o monumento que assistira de pé á marcha triumphal das cohortes romanas e das tribus do norte; que não vacillava ao embater dos cavalleiros d'Africa nas hostes godas, succumbiu em uma noite, victima d'obsuro encontro.

Aonde os rozaes em latadas enramavam viçosas ruas; heras, cardos, e arbustos sylvestres, ericando se, apregoaram a loucura das vaidades do homem. A asolação, assentada nos vergeis em que o mouro cantou o Eden, pelo silencio das ruinas ensinava, que prazeres e belleza o sol os abre, e a noite os leva.

Foi no remanso da paz, ou na pausa breve da tenda de guerra, que Affonso Henriques tornou a coroar d'ameias o arremessado monte, aonde o alcaer campeava. — No tempo em que passa esta historia, as cearas ondeando, os pomares recendendo, e as noragemedoras mostravam que a vida de novo volvêra a visitar aquelles sitios. As casas, antes raras e aninhadas ao abrigo das torres, sem temor se penduravam pela encosta ingreme. Com a guerra fugiram os receios. As chaminas ateadas pelas correrias nunca mais dão de morder, em espiras róxas, a loura cabeça das paveias, nem entrosar-se pelas vigas de castanho dos tectos, em quanto ao perto e ao longe os anafis do arabe entoam, ferros d'alegria, o hymno das ruinas.

Es-es dias de lucto passaram, para não voltar... só se for na dextra, perada de crimes, da lucta civil!

Entretanto, arrazando tudo, a raiva dos homens e a furia do incendio, tinham respeitado uma antiga torre, preta como a face do ethiope, scintillando pelos dois oculos rasgados na testa, o luzeiro vivo que, na escuridão, fulgia como os olhos reluzentes de um demonio. Quem amassára o cimento que lhe unia as juncturas? Que segredo lançou n'esses cantos de rochedos designaes o architecto, para os não corroer o halito dos seculos? Aonde estava a sciencia capaz de soletrar n'aquella folha de pedra o pensamento da geração que escrevêra as primeiras linhas? — Em roda tudo caíra; por que mysterio só ella, salva da espada, dos seculos e do fogo, sobrevivia, elevando a negra fronte que topetava com as nuvens, de cima das quaes a aguia a contemplava, arfando as azas! Os andares achatados e massudos, schundo, estreitavam-se para rematarem no eirado, aonde se abria em circulo a bocca da escada interior. Por baixo do chão, nas entranhas da rocha, gyravam corredores e salas. Era lá que a superstição do povo collocava a

scena das maravilhosas lendas da sua mythologia; porque, na realidade, sobre aquella torre, que o vulgo appellidava *maldicta*, nas horas de tempestade parecia alçar se o spectro gigante do primeiro homicida. Os monges, por isso, ou por outra razão hoje desconhecida, deram-lhe o nome de *torre de Caim*.

O mais estremado cavalleiro, ao passar perto d'ella, no breve espaço que loge entre o ultimo raio de sol e o apertar das sombras, olhando as estrellas tremulas, invocava a Virgem, que ellas cordam de gloria inmarcescivel. — De noite, fóra de horas, os aguheiros das abobadas subterraneas accendiam-se n'um clarão livido, transudando harmonias de harpas, melodias de canticos, pragas e rizos, como os que se ouvem á mesa de festim dissoluto. Quem víra, quem escutára? Ninguém! Mas dizia se, era voz do povo.

Asseguravam mais, que em certos dias os senhores e seus convivas, ha tantos seculos enterrados, saíam da cova, e despindo os sudarios, por minutos atavam o fio da vida, espantando o inferno com as imagens d'antigos crimes.

No anno de 1211, e na tarde em que estamos, a torre de «Caim» foi comtudo visitada por hospedes, que nada tinham de sobrenatural. — A grade de ferro da ermida, que não se abria ha quarenta annos, rangeu nos enferrujados gonzos; e a claridade baça do lampadario de bronze, estremeçada bateu nos corpos d'armas, capellos e pendões, de feitio desusado, pendurados das columnas. Outra vez pés de homem e tinar d'esporas soaram nos degraus partidos da escada, entredados de hervas e musgos. Breves instantes, no terrago, bojando curvo de ruinas para o tecto da sala, se divisaram dois cavalleiros e um monge, que, depois de mirarem em volta, e sobre tudo para a parte de Coimbra, voltaram á igreja, continuando a conversação principiada lá em cima.

Ao entrar na ermida, esperava-os, entre portas, um homem de robusta estatura. Vestia loriga tecida de tiras de couro, e por cima saio branco e vermelho, côres do solar de Lanhoso. O casco de ferro lizo carregava nas sobranceiras hirsutas. As barbas e cabellos, de ruivo agnado, enrissados como a juba do leão, encrespavam se asperos sobre o peito e pelos hombros. Os olhos, pequenos e sumidos, luziam com brilho esverdeado. Encostando se deleixadamente ao cabo de um machado, que lampejava em veios azues ferretes como as boas folhas de Damasco, ergueu a cabeça quando Martin Paes chegou, e boliu os beiços; porém a um aceno d'este, volveu á primeira postura e ficou immovel.

A escada por onde desceram, no patim da sala d'armas dividia-se em duas. Uma ia ter ao eirado; a outra á capella, construida de fóрма que as palavras pronunciadas n'ella se escutavam distinctamente nos aposentos de cima. Na igreja, colgaduras escuras lisfargavam os lombos das paredes. No altar de marmore, á pressa ornado de frontal custoso, mas desmerecido, tinham levantado a cruz do descimento com a toalha sobraçada. O alampadario pendia sobre tres tumulos de lavor grosseiro. O monge ahi descobriu letreiros que lh'estremeceram o coração. «Ansur Lopes» em um. «D. Moço Ansures» defronte. E ao lado do altar, com o galgo aos pés, a figura de um guerreiro, o «conde Ordonho.»

Por entre montes de caliga, de balde andou procurando outra sepultura. Por fim, examinada melhor a de Moço Ansures, nas apagadas letras rastreou o nome que buscava, nome querido de mulher — «Auzenda!»

Escaparam-lhe mal sentidas lagrimas sobre aquelles dois punhados de pó, que até a urna cineraria teve dó de separar. Os ramos de arvore oriental, des-

cabellando-se, debruçavam sobre metade da campá um docel de palmas vecejantes e estrellas gredelins. A verbena, os goivos, e os lyrios sylvestres, frescos da agua que estilavam as junctas rotas das abobadas, arqueando-se, envolviam em viçosa alcatifa a triste morada dos dois noivos. Recostada assim no berço dos amores, a morte nada tinha de pavorosa.

Em quanto o frade se inclina para a campá, em que pelos olhos da imaginação vê passar chorosas as sombras dos amantes, Martim Paes, chamando o homem d'armas, arredou-se com elle para um lado.

D. Nuno passeiava, reflectindo. Adiantado em annos, carregado de semblante, e sem calor nos olhos pardos, a sua vista fria e lenta gelava-se em fitando alguém. Respondendo aos pensamentos intimos, um sorriso desmaiava nos cantos da bocca, motejador ou feroz, segundo era d'escarneo ou de crueldade a idéa que o suscitava.

— «Telo Ervigiz, dizia Martim Paes, aonde foste nado e manteúdo?»

— «No solar de Lanhoso» respondeu o homem d'armas com singelleza rude.

— «Sabes o que me debes?»

— «O corpo pelo sustento, a alma pelo baptismo, e o sangue, que, sem vós, teria escorrido das varas do carrasco.»

— «Pediste-me abrigo e protecção. Neguei-t'a alguma vez?»

— «Nunca.»

— «Nasceste servo. Quem te fez livre?»

— «Vós.»

— «Quem te deu a mulher que amaste, a casa em que vives, a terra que lavras, e o berço de teus filhos?»

— «Vós.»

— «Telo Ervigiz, o solar de Lanhoso foi deshonrado!»

Todas as perguntas até estas ultimas phrases tinham sido feitas no mesmo tom rapido e natural; mas ao proferir a palavra *deshonra*, a voz do cavalleiro tornou-se vibrante e aguda. Ouvindo-a, o solarengo pulou para traz, como mordido de vibora, e por impeto instinctivo floreou a hacha, exclamando rouco:

— «Deshonrado!?!»

— «Deshonrado para sempre. Hoje val mais o teu nome que o do senhor dos paços em que te creastes.»

O rosto de Telo Ervigiz, ora branco ora afogueado, retratava a dôr e a sede de vingança. O assombro pintava-se nos beiços entr'abertos e nos olhos dilatados; a cholera nas pupillas encandeadas como as do tigre, e nas alvas amarelladas, que o furor injectava de veios sanguineos.

— «Infame... o solar de Lanhoso!...»

Erain duas palavras, que em toda a vida não saberia ajunctar nunca.

— «A filha de meu pai, continuou D. Martim, a filha de teu amo, ficará viuva sem ter marido... entendes? E o appellido da nossa casa escripto com o lodo das prostitutas!... Quem sabe? A'manhã, ao tecto em que moras chegará o homem de Riba-Douro, e, arrancando o filho do peito á mãe, com elle nos braços rir-se-há de ti, como riem de mim, os covardes!...»

O solarengo não respondeu. Mas os cabellos e as barbas pareciam espinhos, e os dentes, alvos e aguçados, rangetam uns nos outros. Com um revez da hacha lascou a aresta da campá visinha.

— «Fiz-te livre como o ar, Telo Ervigiz; e nas tuas mãos ponho a honra de Lanhoso. Vinga-a. Queres apagar a affronta da face de teu amo?»

Telo Ervigiz, sem o entender bem, largando a hacha ajoelhou-se.

— «A mim essa pergunta?!» disse elle chorando.

— «Então, interrompeu Martim Paes, erguendo-o, farás o que mandar?»

— «Tudo.»

— «O homem que nos deshonrou chama-se Gomes Lourenço.»

— «Onde está?» gritou o solarengo dando um passo.

— «Aqui perto. Vem caminho do castello. Quero que morra da-tua mão como traidor.»

— «Apesar de velho, não erra setta do meu arco, e golpe do meu braço entra até os ossos...»

O senhor de Lanhoso despregou, ao ouvi-lo, um sorriso de mofa e crueza.

— «Não me entendes. Essa morte não a sentia elle! Ha de ver cavar a cova, coser a mortalha, e afiar o cutello... Morrerá justigado por ti.»

— «Por mim!?!...»

E ao proferir estas palavras recuava de horror uns poucos de passos. A falsa e grosseira idéa dos deveres do homem d'armas, tirava-lhe o escrupulo de matar com a apparencia de combate; porém só ao nome de algoz, a vergonha e a ancia cortavam-lhe a alma.

— «Telo Ervigiz, bradou D. Martim, levei dez annos a fazer um ingrato? — e, vendo-o immovel, uniu as mãos, exclamando: — Meu Deus, ainda me faltava este!»

O homem d'armas, com a cabeça descaida e os braços hirtos, continuava sem dizer palavra.

— «Se não ha outro, murmurou emfim, seja; mas os meus filhos hão de chama-los filhos do carrasco.»

— «Ninguem o sabe» acudiu o cavalleiro.

— «E Deus?» interrogou uma voz atraz d'elle. Olharam; era o monge de Cister.

— «Deves a Martim Paes, disse o frade virando-se para Telo, o corpo e a liberdade. Que te lance ferros e te mate, se quizer; mas que não tente perder-te a alma. Pelo sangue de Christo, não vendas o que é do céu!»

— «Sancta Virgem!» soluçou o solarengo.

— «Não, homem temente a Deus, vende antes a teu amo, acudiu D. Martim com amargura. Castiga-o da loucura de acreditar que podia haver lealdade no peito de um villão.»

Era tão pungente o ar com que disse isto, que vinte punhaladas doiam menos. Telo Ervigiz não resistiu mais; e, abaixando a cabeça, murmurou tristemente:

— «Serei verdugo... tudo o que quizerem. Mas depois...»

— «Espera pelo inferno!» bradou o frade, ameaçando-o.

(Continúa.)

Os COLOCHOS.

Nas costas do noroeste da America, entre os 40 e 60 graus de latitude, e nas fronteiras das colonias russas, vive um povo desconhecido até uma epocha recente. Chamam-lhe o povo dos colochos.

Os colochos são de estatura mediana, espertos e destros; teem cabellos compridos e negros, e a pelle parda escura, pintam todavia o rosto com differentes cores, e applicam um pelo branco sobre os seus asperos cabellos. As mulheres, na meninice rasgam o beijo debaixo, que estendem por meio de um pedaço de madeira até descer abaixo da barba: dos homens os paçons ou anciãos são os unicos que seguem esta moda. Avaliam a belleza pelo maior ou menor comprimento do labio inferior. O seu vestuario consiste n'uma manta branca, feita de lã de carneiro, e n'uma pelle ou n'um grande panno quadrado que lançam sobre os hombros.

Os colochos não gostam da guerra declarada; contudo mostram muito valor quando são salteados. Dão torturas e morte cruel aos prisioneiros, principalmente sendo europeus, que muitas vezes sobrecarregam de trabalhos penozos a que as victimas succumbem. Algumas vezes vem os navios dos Estados-Unidos permutar n'estas costas, por pelles de lontras pequenas peças de artilheria, espingardas e punhaes, que os colochos preferem ás lanças e flechas de que usavam antigamente. Costumam por um modo systematico fazer o corpo insensivel ao frio e á dor. Os rapazes abrem toda a cana do braço com uma concha aguçada, e gabam-se d'este acto de heroismo, sem soltarem um gemido. Andam descalços, mesmo quando o frio é de vinte graus; saem d'um banho quente e mettem-se no mar, onde ficam parados cousa de meia hora. Depois d'este refresco alguns colochos querem ser açoutados até deitarem sangue, e assim adquirem o direito de escolher mulher entre as beldades colochas, sem que de nenhuma d'ellas possam soffrer repulsa.

Os habitantes não creem n'um ente supremo. Vêem no homem um semi-deus, e no corvo o dispensador da vida. Vamos dar um extracto á sua mythologia.

O primeiro habitante do nosso mundo chamava-se Kitch-Usin-Si; matou os filhos de sua irmã para que o genero humano não multiplicasse. Contudo ainda na terra existiam outros homens independentes do seu poder: intentou destrui-los com uma grande inundação, porém alguns d'elles salvaram-se nas suas barcas, retiraram-se para as altas montanhas onde a agua não podia chegar, e amarraram os seus bateis, que ainda lá estão. A irmã, com medo dos tormentos eternos, se apartou do irmão e fugiu para a beiramar onde construiu uma cabana. Viu brincar as baleias nas ondas douradas pelos raios do sol, chamou-as, e determinou-lhes que lhes trouxessem alimentos para não morrer á fome. As baleias não lhe deram resposta e desapareceram; mas de noite veio um homem de agigantada estatura, e a interrogou acerca do seu infortunio. Contou-lhe a mulher que seu irmão lhe matára os filhos, que o medo a obrigára a fugir, e que viera ter a esta paragem onde padecia fome. Então o homem mandou a um escravo que o acompanhava que fosse buscar um seixinho redondo a um bancô de areia que estava no meio do mar; deitou o seixo no lume, e quando o viu em braza disse á mulher que o comesse e retirou-se proferindo estas palavras: «Tu darás á luz um filho que ninguem poderá matar.»

Ella teve um filho, ao qual chamou El-rich, e que todos os dias banhava no mar. Cresceu o filho e a mãe fez e entregou-lhe um arco e flechas com que El-rich matou muitos pica-flores, de cujas pennas ella fez vestidos. El-rich, tendo morto um dia uma ave branca muito grande, tirou-lhe a pelle e vestiu-a, e percebendo que o passaro se servia das azas para voar, disse consigo: «Quem me dera voar como um passaro!» Voou apenas soltára estas palavras, mas como ainda não sabia fazer bom uso das azas, vagava no ar como tonto, e exclamou dando um suspiro; «Ah! quem me dera tornar para o pé de minha mãe!» No mesmo instante se achou ao lado d'ella na sua cabana.

Certo dia narrou a mulher a seu filho a maneira com que Kitch Usin-Si a tractára, e porque motivo vivia n'este ermo; a narração enfureceu o mancebo; as segurou á mãe que havia de vingá-la e punir o thio. Mas a mãe não queria consentir em tal, temendo que não saísse vivo da empreza; todavia cedeu por fim ás suas supplicas, e elle partiu, e chegando á morada de seu thio soube pelos escravos d'este que estava ausente. Viu o mancebo uma grande arca e perguntando o

que continha, responderam-lhe que o thio, cioso, n'elle encerrava a sua formosa e joven consorte todas as vezes que saía de casa. Entretanto expulsou El-rich os escravos, abriu a prisão, tirou para fóra a rapariga, e com ella viveu vida alegre e delectavel. Dias depois, estando os escravos na praia, como enxergassem a barca de seu senhor, apoderaram-se de subito da mulher e a fecharam no caixão. El-rich metteu-se na pelle do passaro e trepou para o telhado da casa.

Informado Kitch-Usin-Si pela bocca dos escravos do que acontecera na sua ausencia, irou-se ao ultimo ponto, reuniu todos os seus servos em torno de si, e conjurou a agua para que afogasse toda a gente, excepto elle e os seus; mas seu sobrinho entrou a rir, desceu do telhado, fechou a porta da casa e com palavras magicas obrigou a agua a voltar para o seu leito; depois d'isto voou. Com tudo, de cansado, caiu em cima d'uma pedra agudissima, que o feriu gravemente, e d'aqui provieram todas as enfermidades que affligem a raça humana. O pobre mancebo jazeu muitos dias no mesmo logar sem se poder mexer, porém uma manhã, estando a dormir, ouviu uma voz que lhe dizia: «Vem, que te chamam.» Como não via ninguem, cuidou ser sonho, mas a voz soou de novo. Então ergueu-se e foi ter á praia onde viu lontras marinhas, e perguntando-lhes se o tinham chamado uma d'ellas lhe respondeu: Monta no meu dorso para que eu te transporte ao logar onde desejam ver-te. «Tenho medo de me afogar», lhe tornou o mancebo. «Vem, e nada temas», disse a lontra. Sentou-se pois no lombo do animal, fechou os olhos e viajou assim por muito tempo; quando os abriu achava-se ao pé d'uma costa coberta de gente; a lontra lhe disse então: «Agora vai para a praia e lá acharás tua mãe e teu thio.» Encontrou os com effeito, e todo o povo o recebeu com grande contentamento. Foram para a mesa: os convidados eram muitos; mas El-rich não podia comer. Outro tanto não acontecia a um dos commensaes, que tinha duas barrigas e comia por dois. Este homem contou a El-rich a historia seguinte: Tinha um dia encontrado, lhe disse elle, um corvo, o qual lhe mandou cortar a pelle que lhe forrava os pés pela parte debaixo; feito o que, saiu grande quantidade d'agua dos pés do corvo, e ficou este, depois da cura, com o poder de crear todos os animaes. Referiu o homem que n'esse tempo tinha perdido a vontade de comer, e que pediu ao corvo lha restituísse. O passaro lhe disse que comesse a parte dos seus pés que acabava de cortar; obedeceu o homem e d'ahi a nada tinha duas barrigas e dobrado appetite. El-rich, depois que ouviu esta narração, alcançou tomar conhecimento com este volatil potente, que se fez seu amigo, restituíu-lhe a vontade de comer e obteve do mancebo o direito de se chamar pai dos colochos. Entre as diferentes tribus dos colochos ainda ha uma chamada a tribu do Corvo, que reputa El-rich seu fundador, e as outras tribus menos nobres do que ella.

Os colochos em geral, creem nos espiritos malignos, que atormentam os homens com molestias. Os taes espiritos estão dentro d'agua e communicam as molestias aos homens por via dos peixes. Contava um chaman ou sacerdote, que os arenques tinham pedido aos espiritos lhes entregassem Kabatchakoff, empregado da companhia russiana que perseguia os arenques sem lhes dar folga; a petição foi deferida: Kabatchakoff afogou-se indo á pesca.

Quando morre algum colochos queimam-lhe o corpo, e erigem, aos que são ricos monumentos de pedras amontoadas. Este povo crê firmemente na immortalidade da alma, mas não dá nenhum credito aos premios e castigos d'uma vida futura. As almas são

no outro mundo o que eram n'este: o senhor fica sendo senhor, o escravo fica sendo escravo. Depositam o corpo n'um caixão e levam-n'o para a fogueira entre prantos e gritos dos parentes e amigos. O uso de queimar escravos com o seu senhor cessou desde que houve tracto entre os colochos e os europeus.

Em signal de lucto, usam os parentes do defuncto de cabellos curtos, e pintam as caras com certa côr negra luzidia, por espaço d'um anno completo.

As molestias mais communs entre esta gente tão robusta são as de olhos, de cabeça, e de estomago. As molestias de olhos e de cabeça provém sem duvida do fumo de que estão chetas as suas chogas; as molestias de estomago originam-se das comidas pesadas e indigestas. Accommettem-n'os ás vezes febres ardentes que por falta de socorros apropriados, de ordinario vem a ser mortaes. As bexigas fizeram taes estragos em 1770, que não ficaram mais de uma, ou duas pessoas das familias que habitam o districto limitado ao sul por Stachin e ao norte por Sitcha. N'esta epocha andavam a guerrear-se muitas tribus, e se deram pressa em fazer pazes, persuadidos de que o corvo lhes mandara este flagello para castigo das suas dissensões. Os *chamões*, seus sacerdotes não se dão á medicina como fazem os de outras povoações semelhantes a estas; mulheres velhas é que curam os colochos doentes, com remedios extrahidos de diferentes raizes ou plantas; contudo, consultam os chamões para saberem se o enfermo morre ou não morre.

(Continúa).

ESSENCIA DE ROSAS.

A PRECIOSA essencia de rosas (*atta goul*), tão celebre em todos os paizes do mundo civilizado, é feita de flores de que ha grande copia nos arrebaldes de Ghazipour, cidade da provincia de Bengala. Já o leitor estará imaginando um paraíso encantado e reverdente, tabuleiros de jardim matizados de todas as cores, ladas em que as roseiras, enlaçando-se, casam as de sabrochadas flores que respiram aromas com o delicado botão purpureo, enlevo dos olhos. Ficção! Imagem sem realidade! A cultura das rosas em Ghazipour é um negocio como outro qualquer, uma especulação commercial. Os vastos campos todos cobertos das flores mimosas dos nossos jardins não offerecem á vista mais do que um quadro vulgar e sem poesia.

A rosa da India, posto que o seu nome indique que é diversa da da Europa, pôde competir na suavidade do seu aroma com as dos nossos climas. Não lhe falta a formosura; mas qual é a rosa que não a tem! Excepto em Agra, não cresce tanto como na Inglaterra, e dá muito menos variedades. Os cultivadores indios contentam-se com as produções espontaneas da natureza; não se cansam em as melhorar com a arte para o deleite ou para o lucro. Na rosa não veem senão um genero de grande valor, e parece-lhes desacerto o cultivá-la só para recreio dos sentidos; e para a extracção da essencia acham que bastam as rosas que assim medram sem nenhum desvelo.

Eis aqui porque no Oriente a mão de habil jardineiro não dispoem as roseiras para que trepem e cubram caramanchões, e tegam latadas, e se aggreguem em espessuras. Os rosas de Ghazipour não passam de um pouco de matto rasteiro por entre o qual brilham raras flores apoucadas, que mostram doer-se da fouce desapiedada; as rosas que vão abrindo são cuidadosamente colhidas todas as manhãs.

As roseiras são plantadas com regularidade, em alinhamento, e occupam muitos centenares de geiras de terreno á roda da cidade. Quando as rosas purpuras desabutoam ao sol nascente e esmaltam o ver-

de tapiz da campina, apresentam um aspecto que muito agrada. Se algum dia, porém, os mogões voluptuosos celebravam n'estes sitios a famosa festa das rosas, nem tradição nem vestigios restam de tão grata cerimonia. Quando chega a estação da colheita não vão os bandos de rapazes e raparigas euchar alegres os cestos de vime com os ricos productos da ceifa; nem enlaçam ramilhetes nas tranças dos cabellos, nem tingem as fronteiras de coroas fragrantas. A colheita faz-se debaixo de regra por mãos de pobres jornaleiros que trabalham com a idéa fixa no tenue salario, e em nada mais cogitam.

A distillação das rosas (*goulaabie paunie*) é a primeira operação que se faz para fabricar a essencia. A que se extrahé é recolhida em grandes vasos, que ficam de noite expostos ao ar livre. De tempos a tempos escumam estas jarras, e o oleo essencial que sobrenada tira-se, e constitue a essencia concentra-la, cujo aroma os amadores reputam por um preço tão subido. São precisas duzentas mil flores para produzirem o peso d'uma rupia de essencia a que os da terra chamam *atta*. Esta quantidade, quando é pura e sem mixtura de oleo de sandalo, vende-se alli mesmo por cem rupias (equivalerão a 40,000 réis); preço exorbitante, e que assim mesmo dizem que deixa pouco lucro.

A agua de rosas privada do seu oleo essencial passa por inferior á que o conserva e vende-se em Ghazipour por um preço tambem mais baixo. Asseguram contudo muitas pessoas que a differença mal se conhece.

O uso da agua de rosas na economia domestica é geral entre os indios. Empregam-n'a nas abluções, na medicina e nas cosinhas. Antes de abolido o uso dos presentes (*nuzzur*) figurava entre as cousas que offereciam as pessoas de poucos teres. Costumam deitá-la em cima das mãos quando se acaba de jantar, e na grande festa chamada *houlic*, alagam com ella os hospedes. Os europeus atacados do prurido ardente sentem grande allivio usando d'esta agua; os naturaes da terra bebem n'a como remedio para todas as molestias, e efficacissimo para as lesões internas. N'uma palavra a agua de Colonia não é mais popular na França do que é na India a *goulaabie paunie*.

A GRATIFICAÇÃO.

NEM sempre as feridas são documentos irrefragaveis de valor. A seguinte anedocta bem o prova, ao mesmo tempo que serve para confirmar o nosso rifão: os homens não se medem aos palmos.

Poucos dias depois da famosa batalha de Wagram, querendo Napoleão dar ao exercito um novo testemunho da sua satisfação promulgou um decreto em virtude do qual concedia mil e duzentos francos de gratificação ao soldado mais valente de cada regimento. Um coronel appresentou o candidato do corpo do seu commando de tão mesquinha e enfezada apparencia, que em nada mostrava dever aspirar áquella graça. Napoleão disse-lhe. — Pois na verdade és tu o mais valente do teu regimento? — Senhor, pelo menos assim o dizem. — Onde fuste ferido? — Em parte nenhuma senhor. — Que dizes! Não fuste ferido e pretendes ter direito á gratificação que concedo a teus camaradas que já derramaram sangue pela patria? — Ah! está! (acudiu o soldado sem perturbar-se) porque não me pôde succeder o mesmo que a vossa magestade? a honra de ser ferido? E contudo não deixa por isso de ser muito e muito valente?

Gustou o imperador do desembarço do soldado, e mandou lhe pagar em ouro a gratificação promettida.